

Adolfo Casais Monteiro

OBRAS COMPLETAS



# CARTAS EM FAMÍLIA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

*Título:* Cartas em Família  
Correspondência entre o Escritor e Seus Pais: 1929-1943

*Autor:* Adolfo Casais Monteiro

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Revisão do texto:* Levi Condinho

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Julho de 2008

*ISBN:* 978-972-27-1624-6

*Depósito legal:* 276 115/08

*ESCREVIA A MÃE AO FILHO: «MANDA DIZER.»*

Este prefácio é dedicado a João Paulo Monteiro,  
pela repetida confiança.

*Este volume de cartas (bem como o seu «gémeo» Cartas a Sua Mãe) é invulgar a vários títulos. É oportuno começar por notar isto mesmo para só depois comentar em concreto estas cartas, atendendo ao destino mais que discutível dado a tanta epistolografia portuguesa contemporânea.*

*É comum, talvez cada vez mais comum, as edições de cartas entre personagens históricas da contemporaneidade portuguesa, maxime intelectuais, serem publicitadas como fontes únicas de informação. Informação sobre os correspondentes, informação sobre os meios sócio-profissionais a que pertenceram, e mesmo sobre a sociedade e o tempo em que tudo isso teve lugar. O mesmo, aliás, sucede com outros registos supostamente reveladores da privacidade: diários, inéditos, anotações de vária espécie, etc. Há em tudo isto vários problemas, uns estruturais, outros específicos. Entre os primeiros, saber se este tipo de escrita feita (em tese) para uso privado pode aspirar a providenciar tantas informações, todas elas tão complexas; depois, determinar se se trata efectivamente de registos privados ou apenas de simulações (no caso dos diários de escritores, provavelmente mais do que em qualquer outro, o caso parece ser apenas o de uma simulação literária); e, claro deve estar, determinar se muita dessa produção deve ser publicada de todo em todo, atendendo a reservas éticas.*

*Entre os segundos, saber como editar esses textos de modo a salvaguardar inteligivelmente tal informação; e o modo de a relacionar com a edição da restante obra do autor. Este elenco está certamente incompleto, mas detenho-me aqui por não ser preciso prolongá-lo para prefaciar este volume.*

\*

*Cartas em Família é um caso raro (único?) na edição epistolar portuguesa. A correspondência entre o escritor e seus pais entre 1929 e 1943 descrita no subtítulo é em si mesma bem diferente da habitual troca de cartas entre colegas do mesmo ofício. Mas o subtítulo não conta toda a história, pois aqui se inclui também correspondência de Alice Gomes (mulher de Adolfo Casais Monteiro) e, aspecto particularmente relevante, a edição e anotação de João Paulo Monteiro, filho do casal. Se as cartas são em família, também o livro é — o que torna este prefácio ainda mais sensível, acrescento. Qual a pertinência de publicar estas cartas? À primeira vista, não muita, pois o espólio de Adolfo Casais Monteiro (1908-1972) está disponível aos investigadores na Biblioteca Nacional de Lisboa, onde aliás se encontra relacionado com os de muitos outros artistas, escritores e intelectuais aí também depositados, desdobrando-se em relações de correspondência que se estendem desde figuras conotadas com o mais radical pensamento lusitano (Álvaro Ribeiro, que Casais conheceu noutras águas na década de 1930) até ao mais internacionalista e esquerdista (sua mulher era irmã de Soeiro Pereira Gomes). O centenário*

*do nascimento de Casais explica quando muito a publicação dos dois volumes e sua proximidade, mas não mais do que isso. A meu ver, a pertinência destas cartas familiares revela-se enquanto complemento da obra, tanto a publicada em vida como a póstuma, de Casais Monteiro. Convém sempre não exagerar o modo como o faz, pois nem é necessário e cair-se-ia no lugar infelizmente comum que é «fazer estardalhaço à volta de miudezas», como escreveu João Pedro George a propósito de um caso ainda recente, em torno da epistolografia de Luiz Pacheco (cf. George 2006: 34-38). O modo como estas cartas complementam a Obra Completa de Casais Monteiro em curso de edição na INCM é autobiográfico, mesmo quando é Casais o destinatário e não o remetente da correspondência (aspecto que se nota em particular na troca epistolar mantida com sua mãe e que, como veremos, motiva a edição das cartas em dois livros, relacionados pela partilha de correspondentes mas diferenciados pela evolução que conhecem, biograficamente, ao longo do tempo de vida a que as cartas se reportam e que se nota mesmo quando só há cartas de Casais).*

*Ora, sendo efectivamente cartas familiares e não exercícios literários destinados a publicação e valendo como elemento autobiográfico sem pretensões sociológicas ou políticas que excedam o que fica registado da vida dos correspondentes (e veremos que não é pouco), resta saber da legitimidade de as publicar. Neste ponto, o simples facto de o editor ser o filho único de Casais Monteiro deve servir de boa caução, até pelo trabalho já longo de edição responsável da obra de seu pai promovido com a INCM. E, de facto, como indiciam alguns*

*lapsos temporais significativos entre as cartas seleccionadas para publicação, bem como notas esclarecedoras sobre as que aqui se publicam, esse trabalho de edição é eticamente inatacável. Não se esgota nos escrúpulos morais o trabalho do editor; decerto, mas sem eles de muito não valerá o resto. Por isso, mesmo sendo sempre possível adicionar mais notas, ou modificar em aspectos de pormenor a edição, este volume (bem como o seu «gémeo») muito contribui para o conhecimento de Adolfo Casais Monteiro, da sua obra e dos meios sociais (profissionais, políticos, etc.) que frequentou. E isto traz-nos dos problemas estruturais (à falta de melhor termo) para os que estas cartas específicas contêm.*

\*

*A relação destas cartas com a obra de Adolfo Casais Monteiro é dupla: elas dão conta da evolução biográfica do seu autor e, dentro deste contributo maior, informam-nos da evolução das obras escritas e/ou publicadas durante o período abrangido pela correspondência. O primeiro aspecto é o que mais importa, pois não só enquadra tudo o que respeita ao segundo como acrescenta história à simples informação a respeito de uma ou outra obra em concreto.*

*É contudo na junção dos dois planos, articulando as cartas para edição em livro, que tudo se joga, pois necessário é evitar espartilhos que tolham a informação, ou mesmo a eliminem (pense-se no caso da edição das cartas de Jorge de Sena, a qual incluirá ainda um volume com Casais Montei-*

*ro, em que a supressão de nomes e de trechos em nome de susceptibilidades alheias corrompe as cartas e apouca os correspondentes à custa da informação ao leitor, o qual se verá sempre desprovido do desassombro dos autores e condicionado a ler as entrelinhas de linhas em falta). A selecção de João Paulo Monteiro revela uma disponibilidade muito incomum para dar a conhecer a vida quotidiana familiar, o que é em si mesmo um mérito, a que se junta o interesse de, como Casais escreve a dada altura a sua mãe, a família não ser vulgar; isto é, ter uma história de peculiaridades que a tornam mais interessante do que é norma, história essa em que Adolfo Casais Monteiro é peça central.*

*Além disso, a edição não complica o que é lógico, seguindo a simples cronologia sem critérios adicionais, temáticos ou outros. Cabe ao leitor, sobretudo ao investigador, destringir tudo aquilo que compõe esta correspondência segundo os interesses analíticos que aqui o tragam, usando o que aqui encontrar segundo critérios que lhe serão próprios e cujo valor será o da argumentação que for capaz de apresentar. Nestas cartas, tanto os elementos estritamente pessoais, como os familiares, como ainda os sociais em sentido lato (político, profissional, etc.), se encontram fundidos, na interligação que é própria da vida e, assim, pertinente como autobiografia.*

*Isto não significa que não haja algum trabalho literário posto em várias destas cartas, ao qual se soma o da selecção e edição. De igual modo, a vida aqui exposta funde os seus diversos aspectos quase irremediavelmente, pois apesar de ocasionais tentativas por parte dos correspondentes para*

*diferenciar temas abordados nas cartas, eles contagiam-se de forma irremediável e, sobretudo no caso da relação entre Casais e a sua mãe, fecunda e bastante complexa (este último aspecto nota-se sobretudo na leitura conjunta dos dois volumes de cartas). É mesmo essa relação entre circunstâncias formalmente diversas que mais contribui para o interesse literário das cartas e para o seu valor autobiográfico, e por isso este prefácio limita-se a uma divisão mínima, entre os aspectos familiares que dão título a este livro e os biográficos em sentido lato, que garantem a relevância destas cartas.*

\*

Vou mandar ao correio, vamos a ver se virá carta tua. Li no *Comércio* que o Gaspar Simões também fez uma conferência a fechar a exposição, mas não apreciaram. E de ti, disseram alguma coisa? Tu querias senhoras a ouvir? Põe títulos poéticos às conferências e verás... [Carta de Vitorina Casais Monteiro a seu filho (p. 94).]

*A carta citada é das mais significativas entre as escritas por Vitorina Casais Monteiro a seu filho, em particular pela atenção e candura reveladas no primeiro parágrafo (pp. 92-93). Por um lado, reconhece a necessária diferença do jovem Casais Monteiro (então com 23 anos) face ao modo de vida dos seus pais, por mais liberal que este fosse para a geração a que pertenciam. Por outro, e com consequências de monta no futuro da relação entre os dois, reconhece a extrema*

*improbabilidade de alterar os seus pontos de vista e, em simultâneo, não se coíbe de tentar influenciar de forma como que prescritiva a conduta, as opções de Adolfo Casais Monteiro. Há um cuidado ao fazê-lo, procurando avisar em vez de ditar, admitindo a dificuldade de encontrar o termo adequado mas nem por isso deixando de expressar o seu ponto de vista sobre a vida do jovem escritor (que se dizia jornalista, cf. p. 95). Mas, apesar das cautelas, nunca a atitude maternal(ista) verdadeiramente se dissipa. Poucos meses depois, e numa evocação da história familiar causada pela leitura de um artigo de Casais, é de novo a mãe a admoestar o polemismo do filho e a preveni-lo quanto aos seus efeitos indesejáveis (cf. p. 96). Estas divergências são apenas naturais entre familiares de diferentes gerações, e a resposta de Casais (cf. p. 97) bem o revela ao associar a sua intervenção pública às dos seus colegas presencistas (Gaspar Simões e Régio, no caso), fazendo a questão mover-se da esfera familiar para a intelectual/profissional de modo espontâneo, como tantas vezes sucede ao longo desta correspondência.*

*Todavia, aquelas atenção e candura são bem mais problemáticas quando o pretexto que as justifica não se presta a uma tal transição. Então, as questões ficam «delicadas, subtis e aborrecidas» (p. 145), e da família ouvem-se queixas sobre «falta de espírito confidencial» por parte do filho e, deste, a indignação com «acusações, mais acusações» (p. 146). Questões como as destas cartas, de tipo moral sexual e preconceitos sociais, são não apenas irresolúveis mas também incomensuráveis, elas revelam a tensão inevitável, com a*

*qual resta apenas saber viver do melhor modo possível, entre dois modos de vida, muito para além — e, em simultâneo, aquém — de quaisquer circunstâncias pessoais ou profissionais de conjuntura. Aliás, neste particular, a sintonia nas observações a Casais por parte do pai e da mãe (cf. pp. 146-148) revelam-no com grande acuidade.*

*No conjunto, é certo, pesa bastante mais a preocupação familiar com o destino pessoal de Casais do que as desinteligências insanáveis de modo de vida. O cuidado expresso com a diferença de Casais (p. 212), mais além de qualquer resignação maternal envelhecida, só vai conhecer, em rigor, ocasiões para se repetir, mau grado a confiança do próprio — «seria cobardia não tentar aquilo que por temperamento hesito sempre em fazer: fazer uma vida nova, não me ficar à espera do que me pode cair do céu, de onde nunca cai senão o que tirarmos» (p. 267). Se Casais dava por adquirida a impossibilidade de a sua família compreender a sua opção de vida (no caso, mudar-se do Porto para Lisboa), nem por isso a podia alterar. O seu carácter «não burguês» (cf. pp. 282-283) não lho permitiria. Mas se o significado desse carácter se fazia sentir nas relações familiares, sem remédio, a sua explicação tem de ser procurada na actividade quotidiana de Adolfo Casais Monteiro, na sua vida, que estas cartas muito bem revelam em todas as relações autobiográficas entre o intelectual, o político e o profissional.*

\*

## ÍNDICE GERAL

Escrevia a mãe ao filho: «Manda dizer.», <i>por</i> CARLOS LEONE .....	9
---	---

### **CARTAS EM FAMÍLIA** *1929-1943*

Nota introdutória .....	29
[CARTAS] .....	31
BILHETES DE ADOLFO CASAIS MONTEIRO .....	223
BILHETES DE ALICE GOMES .....	233
[CARTAS] .....	236

\*

Índice onomástico .....	405
-------------------------	-----